



## *Bahia de todos os reinos: Capital e interior*

Otávio A. Filho\*

### RESUMO

O texto tangencia aspectos transversais da cultura baiana e procura revelar a guerra surda travada na panela da alegria, de uma Bahia que se converteu em clichê. Busca, ao mesmo tempo, compreender a impiedosa transformação de uma sociedade cujo comportamento está em sintonia com o resto do mundo. Religião, arte, lazer, turismo e economia globalizada enfrentam, na Bahia, observadas as especificidades locais, as mesmas vicissitudes encontradas num planeta marcado pelo fim de uma era. O texto aborda essa questão pensando, ainda, nas continentais distâncias físicas que caracterizam um país que contém, geograficamente, uma Europa dentro de si.

### PALAVRAS-CHAVE

Globalização; Comunicação; Culturas Contemporâneas; Religião; Consumo.

### ABSTRACT

The text goes off on a tangent, in transversals aspects of Bahia's culture and delves into revealing a deaf war into a happy melting pot, of a Bahia which has converted into cliché. At the same time, it tries to comprehend the unforgiving transformation of a society which behaves in sync with the rest of the world. Religion, art, pleasure, tourism and globalized economy face, in Bahia, having the local specificities observed, the same vicissitudes found in a planet marked by the end of an era. The text brings up this issue, thinking, still, on the continental physical distances which characterize a country that contain, geographically, an Europe within itself.

### KEYWORDS

Globalization; Communication; Contemporary Cultures; Religion; Consume

## *A Capital e o capital*

Antes de qualquer outra coisa, informo ao leitor que o texto é um esforço para captar nuances e aspectos da cultura baiana e que seu formato está influenciado por algumas experiências recentes de pensar visualmente conceitos que circulam entre pesquisadores que lidam com cultura, comunicação e turismo, no contexto das regionalidades da geografia baiana. Por isso, a cidade do Sal-

\* Otávio Nascimento de Almeida Filho é Artista Plástico. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. É Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus - Bahia). Atualmente desenvolve projetos e pesquisas centrados nos processos criativos em ambiente digital hipermediático. Contacto: otaviofilho@uol.com.br



vador, na Bahia, constitui um patrimônio por suas naturais belezas naturais e pela cultura dos povos que integram a sua história. Falar da Bahia não é tarefa fácil, sobretudo pela qualidade de seus historiadores, poetas e cronistas, os mais diversos, que cumprem essa tarefa com enorme competência. Graças a esses autores, dispomos de vastos conhecimentos sobre a história dessa terra, cultuada em verso e prosa.

O Estado da Bahia possui uma área de 567.692 km<sup>2</sup>, sendo pouco maior que a Espanha. Portugal, com 92 389 km<sup>2</sup>, reafirma o ditado de que tamanho não é documento. Nossas distâncias beiram o infinito e em nossos sonhos o mundo é uma miragem que nunca se materializa. Basta ver o atraso e a precariedade da vida daqueles que, sem água, luz e alimento, ouvem as notícias sobre ônibus espaciais, desbravando astros desconhecidos. A Bahia, o seu conceito, durante muito tempo, ficou concentrado no Recôncavo Baiano. Hoje já não é mais assim. Razão pela qual é possível incorporar acontecimentos do “interior”, mesclados com o caldo produzido nos canaviais do Recôncavo. Ser baiano pode dizer muitas coisas e coisa nenhuma. Dizem que Havana e Salvador têm muito em comum. Outros afirmam ser Lisboa a cidade que mais lembra a velha Salvador, a cidade da Bahia, como ainda é conhecida.

O poeta Antônio Risério, um dos muitos cronistas dessa cidade, escreveu *Uma História da Cidade da Bahia* (2004) e logo tomou o cuidado de informar que a sua história era apenas uma entre as muitas possíveis. Esse cuidado revela a preocupação em dizer que existem tantas histórias da cidade da Bahia quantos sejam seus observadores dispostos a escrever sobre ela. Muitas das observações a seguir são *links* que resultam da leitura da obra acadêmica de Antônio Risério e do texto, deliciosamente não-acadêmico, do poeta, blogger, músico e pintor, Miguel Cordeiro. Não há, aqui, preocupação alguma em contrapor o modo acadêmico e o modo livre de dizer o mundo e contar histórias. Antônio Risério já é, por sua vez, um acadêmico não acadêmico e Miguel Cordeiro é, no sentido mais rigoroso do termo, um autor cuja seriedade é o modelo almejado pela academia. Os textos desses autores são sempre, a meu ver, as mais bem sucedidas janelas abertas sobre a vida da Bahia contemporânea. Ambos são dotados de uma excepcional memória. Risério narra fatos vivenciados e trata e fala com intimidade das personagens com quem conviveu. O trabalho acadêmico necessariamente tem de se valer da memória extra-corpórea. Os arquivos públicos



e a encomenda de pesquisas sobre determinados temas constituem esse corpo distante onde o pesquisador sai em busca das lembranças. Totalmente distinta é a memória evocada da experiência do vivido. É nesse sentido que leio o trabalho historiográfico de Antonio Risério. Comentar que o Secretário do Turismo foi colega de turma de um poeta é traçar um *link* estendido na memória e revelar seus aspectos sutis. É quase uma pintura rica em detalhes e cores.

Por sua vez, o relato *Teatro Vila Velha - da efervescência ao marasmo de um controle total*<sup>1</sup>, de Miguel Cordeiro, é uma lembrança que recria poeticamente vivos e iluminados detalhes de uma história da riqueza e do esplendor de um momento. O trabalho do acadêmico e do artista, liberado de obrigações institucionais, por um momento fazem as pazes, quando movidos pela curiosidade em apreender a esfera da vida.

A blogueira cubana não tem dinheiro para ficar muito tempo na *lan-house*. A estudante da escola pública repleta de deficiências tem acesso a uma *lan-house*. O Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) é um fenômeno também no Brasil e o número de *lans*, espalhadas pelos bairros periféricos, revelam como a sociedade em rede mudou a vida das pessoas. Um documentário de João Jardim<sup>2</sup>, mostrando o submundo da escola pública, parece indicar que a Revolução Tecnológica, representada pela Internet, não significa necessariamente uma mudança no atraso e na pobreza do Brasil. A tecnologia apenas consolida um *statu quo* existente e lhe dá uma roupagem de modernidade. O que importa é dirigir as possibilidades oferecidas pela tecnologia que conecta o mundo, a serviço dos desafios exigidos pelo nosso entorno.

O trabalho de Miguel Cordeiro é um exemplo do que pensamos. Em seu blog, quase diariamente, o poeta mostra que combinar roupas européias com o calor baiano não é tarefa das mais agradáveis. A estranheza dos ternos com gravatas em rostos derretidos pelo suor é uma cena comum nas inaugurações oficiais e na tentativa de uniformizar comportamentos. Essas combinações exóticas,

<sup>1</sup> <http://miguelcordeiroarquivos.blogspot.com> - 31 de outubro de 2007.

<sup>2</sup> João Jardim é um cineasta cujos trabalhos são marcados por grande sensibilidade e fina sintonia com a realidade brasileira. É esse o caso particular do seu documentário sobre a educação no Brasil onde mostra que a praga do analfabetismo não é coisa nova. "Pra um dia nascer feliz", nome do documentário, revela como o Brasil continua incapaz de proporcionar uma educação que transforme o povo e o país.



que permitem a coexistência de um governador de ascendência judaica, loiro, governando um estado cuja capital é considerada a capital negra do mundo, mostram como ódio, racismo, equívocos e muitos sambas de crioulos psicóticos podem conviver na mais serena e contida, policialmente, harmonia.

Embora respire o ar que o rock produz na sua atmosfera exótica, o blog de Miguel Cordeiro é uma das melhores crônicas sobre a vida cultural baiana e brasileira. Texto, imagem e som combinam-se hipermidiaticamente no trabalho desse autor. O texto, de refinada qualidade, abre janelas imensas sobre as avenidas de vale e os labirintos da política e da poesia musical.

Sempre vejo e sinto a Bahia como um *lounge*, um lugar de descanso (e de passagem), um cenário em permanente mutação, recebendo os mais diversos curiosos. Charles Darwin, quando aqui esteve, descreveu, deslumbrado, seu encantamento com a chuva tropical, lavando a luxúria da vegetação. Desde então, muitos outros viajantes têm entrado pela barra larga da baía. Vocação natural para receber e encantar visitantes; uma noção de turismo que, nas palavras de Yves Winkin (1998) envolve um duplo. O visitante e o seu hóspede, o guia, o nativo, esses outros que fazem da recepção turística uma relação única. Imaginemos Jorge Amado recebendo Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, em Salvador. A ministra negra Condoleezza Rice, Secretária de Estado dos EEUU, manifestou interesse em vir à Bahia. As celebridades do rock e os estudiosos do candomblé convergem para cá, obedecendo a lei de atração que transformou a Bahia na terra universal de todos os reinos.

Salvador é, hoje, uma cidade com aproximadamente dois milhões e meio de almas. A grande Salvador já passa dos três milhões. Nesse conglomerado existem mundos superpostos que interagem em distintas harmonias. Em nossos dias, acumula-se uma espantosa e crescente produção acadêmica esmiuçando o nosso passado e revelando uma infinidade de *Bahias* inventadas pelos baianos e estrangeiros, ao longo destes quase cinco séculos. O Instituto Histórico e Geográfico da Bahia está situado entre o Relógio de São Pedro e a praça da Piedade. Na praça, estão o Gabinete Português de Leitura, as Igrejas da Piedade e dos Pobres bem Pobres, e os prédios da Secretária da Segurança Pública e da Escola de Economia, da Universidade Federal da Bahia. A praça, protegida por



uma bela grade, tem uma fonte luminosa. É fechada durante a noite, para evitar a invasão e depredação por mendigos e outros predadores urbanos.

Quando Darwin fazia seus passeios pelas mediações dessa praça ainda existiam baleias e golfinhos, encantando os olhos dos homens na Bahia de Todos os Santos. De lá para cá, assistimos ao progressivo poder de destruição que um certo 'progresso da ciência' foi capaz de gerar. Com certeza, a Bahia deve ter sido uma terra muito linda. Hoje, com todos os arranha-céus, fica impossível imaginar o que se perdeu. Baleias e golfinhos na Bahia de Todos os Santos são imagens de extrema violência, quando imaginadas e exibidas ao lado de *ferry-boats* enferrujados e decadentes, poluindo as águas azuis. Não há retorno. Apenas precisamos de uma base espacial de lançamento, adaptada ao Elevador Lacerda, para poder enviar os baianos a aventuras nas novas fronteiras abertas pelo homem.

## O Interior

O Recôncavo Baiano e as costas do descobrimento, do dendê e do cacau constituem realidades contíguas, que reciclam permanentemente os ares que sopram por essas paragens. Durante o segundo semestre do ano de 2007, duas igrejas na cidade de Itabuna, Bahia, viveram distintas e significativas situações. A relevância da observação está assentada no fato de ser uma reflexão repleta de digressões sobre a noção de cultura, considerando as imagens fornecidas pela observação, que permitiu a comparação de situações reveladoras de mudanças significativas, nos valores culturais de uma sociedade.

A Igreja Católica sofre um grande revés no seu poder, diante do crescimento de outras igrejas, particularmente diante da Igreja Universal do Reino de Deus. A abordagem, aqui, no entanto, não é sobre a IURD, mas sobre dois modelos religiosos que se contrapõem e cujos resultados podem ser vistos pela opulência material com que as religiões se apresentam. A Igreja de São José, na cidade de Itabuna, no interior da Bahia, lançou uma campanha junto aos fiéis e ao público em geral para vender os bilhetes do sorteio de um *Fiat Uno 1.0*, um carro popular e dos mais baratos do mercado. A renda seria destinada à resolução de problemas urgentíssimos na conservação da igreja. Esse automóvel ficou estacionado



junto à porta de entrada da igreja, durante toda a campanha. Do lado de fora, no estacionamento, um *outdoor* duplo reforçava o esforço publicitário para salvar a igreja.

O fato de uma igreja católica fazer tal campanha, para obter recursos, contrasta radicalmente com a riqueza de um majestoso prédio da Igreja Universal do Reino de Deus, em construção, a algumas poucas quadras de distância da Igreja São José. No prédio em construção, não havia uma só placa, exceto a dos engenheiros e fornecedores de materiais. No mais, tudo era silêncio e labor. Um posto de gasolina, em frente à igreja, tem uma pequena loja de conveniência onde é possível tomar um café expresso e ler as manchetes das revistas colocadas num pequeno expositor. Foi nesse lugar, tomando café, que observei a construção da igreja evangélica. As paredes sujas da igreja católica em decadência exibiam os equívocos na captação de recursos, para a manutenção do prédio. As missas aconteciam regularmente, mas seus frequentadores não contribuíam o suficiente para cobrir as despesas e os custos da obra, embora ela continuasse acordando a população com o sino da manhã.

Do Café Cultural, instalado no posto de gasolina, logo após a praça dos Correios, podia-se apreciar os intensos tons alaranjados dos *flamboyants*, debruçados sobre o muro. O café forte despertava, com seu aroma, a pluralidade de sentimentos que aquelas visões sobre as duas igrejas despertavam. O fato de não estar na cidade do Salvador simplificava um pouco, porque o candomblé não participava da disputa. O que não significa que o candomblé não tenha um papel importante também no interior. Mas não tem a mesma força que em Salvador. É a religião e não a ciência quem fornece os valores para a sociedade. A importância que a religião ocupa na vida humana, apesar de todos os movimentos laicizantes, é absolutamente inegável e, na Bahia, o sincretismo religioso é um aspecto cultural muito forte. Isso pode querer dizer muitas coisas, sobretudo, que se pode utilizar um conceito de cultura que seja confortável e que nos permita prosseguir em algumas anotações etnográficas, com o propósito de construir uma reflexão sobre aspectos que relutam em vir à luz.

A questão conceitual é fundamental, pois, sem um acordo sobre o que é possível pensar, fica comprometido o próprio processo do pensar. A verdade, como se sabe, é democrática. Verdade é aquilo que acreditamos, que a maioria acre-



dita que é verdade. Verdade e consenso são, aqui, sinônimos. Ao aceitarmos tais premissas e cuidarmos de tornar claras as nossas idéias, teremos enormes oportunidades de avançar sobre as questões conceituais que importam. Essas questões tornam-se ainda mais significativas se considerarmos que elas têm relação direta entre a rifa do *Uno* da Igreja de São José e a construção rápida e silenciosa de um templo da Igreja Universal. O interior do mato. A idéia de interior sempre foi muito forte. O interior era, de certa forma, o atraso. Salvador era a capital e o mundo com suas novidades e luzes. Quando imaginamos uma *lan house*, em Itabuna, ao lado da Igreja Universal do Reino de Deus e de uma loja do *McDonald's*, não temos mais qualquer ilusão de que o interior seja sinônimo de lugar ermo e distante.

Os fiéis da Igreja São José, diferentemente dos fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, não se sentem obrigados a transferir seu dinheiro para os cofres da igreja. Um católico é um sujeito genérico que tem vaga fé em Deus e que acredita que tudo pode ser resolvido na última hora, com um pedido de perdão a Deus. Não há prazer em seguir a Deus e aos seus draconianos preceitos. O governo promete alfabetizar um milhão de pessoas nos próximos dois anos. Há um esforço conjugado para que essa mancha desapareça da sociedade. Empresas, escolas secundárias, universidades públicas e privadas, igrejas, ONGs e toda sorte de parcerias foram realizadas para combater essa grave doença da sociedade. A Bahia é um estado brasileiro com um número assustador de analfabetos e todos os governos fazem gigantescos esforços para reduzir tais números. Inclusive o atual, que dispõe de recursos significativos, destinados a tal propósito. Rígida disciplina mental e seriedade no diálogo generoso e aberto parece uma condição sem a qual não é possível compreender saltar da inauguração da igreja universal para um fragmento sobre um filósofo alemão.

## **Retórica Baiana**

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset, que estudou e viveu longos anos na Alemanha, procura mostrar, comparando alemães, espanhóis e franceses, as particularidades de um povo que foi capaz de construir a funesta aventura do nazismo. Para esse autor, os alemães, quando decidem por algo, esquecem tudo o mais. São rígidos e perseguem com determinação a resolução daquele deter-



minado problema. Ao contrário dos espanhóis, que valorizam a sensualidade e os prazeres da mesa e do corpo. Nós brasileiros e, especialmente, os baianos somos portugueses e um pouco espanhóis, acompanhados de negros e índios em terras verdejantes e quentes. Tudo isso banhado a catolicismo, candomblé e luteranismo reciclado nos Estados Unidos.

O conceito de cultura é vasto. Falar em cultura baiana é comprar uma briga conceitual. O que nesse texto procuro fazer é tocar em temas que pertencem ao grande conjunto da cultura. Religião, turismo, comunicação, negros, mulheres e minorias de todo tipo constituem objeto de interesse para construção de algumas hipóteses investigativas. Não há uma metodologia do pensamento, apenas a preocupação em obedecer a curiosidade que o interesse pela vida suscita, anotando e fazendo digressões sobre esses intervalos que surgem da memória. A Bahia é um estado brasileiro de grandes riquezas. Afirmar isso não mais é que confirmar um clichê. O órgão oficial do estado que trata do turismo construiu uma imagem para a Bahia de Terra da Felicidade. Oficialmente, a placa, da Secretaria do Turismo no aeroporto, informa aos visitantes: “Sorria, você? está na Bahia”. Sol, praias, festas, curiosidades antropológicas e um povo hospitaleiro.

Descendo a costa do dendê o viajante pode chegar a praia de Pratingi onde acontece a *Rave* de Pratingi, no Universo Paralelo. Milhares de pessoas, vindas de todos os lugares do planeta, durante sete dias ouvem música, tomam ácido, *ecstasy* e outras invenções mais. Não houve uma prisão e nem tampouco registro de qualquer violência. Tudo entre nós é muito estranho. Essa estranheza é quase natural e por isso pode não parecer estranha para muitos. O surrealismo existe naturalmente e todos convivem com os contrastes e os paradoxos com relativa tranquilidade. Em entrevista recente<sup>3</sup> o Ministro para Assuntos do Futuro (Ministério Extraordinário de Assuntos Estratégicos), Roberto Mangabeira Unger, confessava que uma das suas dificuldades no Brasil era ser um sujeito sem atrativos num país de sedutores. O mais jovem professor de Direito da Universidade de Harvard, neto de um governador da Bahia, reconheceu como é difícil encontrar um lugar ao sol numa terra de pessoas tão sedutoras e brilhantes.

<sup>3</sup> <http://playboy.abril.com.br/> Junho de 2008.



Nada parece mais sedutor que uma voz de veludo e um violão dedilhado com langor. Esse é um traço cultural, um acorde da malemolência a que se opõe Miguel Cordeiro<sup>4</sup>. A música, no entanto, não é algo inocente. A Bahia é um estado musical e exporta tal produto para o mundo inteiro. Os maiores nomes da criativa indústria musical no Brasil são baianos. Claro que o Brasil inteiro é de uma riqueza musical reconhecida internacionalmente. No entanto aqui essa “indústria,” se assim se pode dizer, alcança uma importância fundamental. Terminado o Carnaval, as bandas viajam a outros estados e países exportando a tal alegria produzida em solo baiano. O fato de que o atual Ministro da Cultura seja um sonoro baiano mostra o quão importante é o lugar da música na cultura brasileira e na baiana em particular.

Se, na Bahia, o sincretismo religioso é absolutamente real, o mesmo não se pode dizer em relação à música. Há um mal estar com o axé. Pelo menos, é o que leio nas críticas veladas. Monclar Valverde, compositor de obras musicais de grande beleza, é praticamente desconhecido do grande público. Talvez se possa falar, nesse caso, de uma sensibilidade requintada em oposição a uma música, o axé, que está a serviço, unicamente, da evocação dos instintos primários. Porém, na rave de Pratingi, não se tem axé. Lá, o rock corre solto. A comunicação entre corpos, luzes, sons e drogas, descritas como experiências únicas, não se reproduzem. No mix cultural baiano, podemos dizer, com Allan Bloom (2001: 58), que “não existe escassez do novo e do sensacional”.

Estamos procurando nosso lugar no meio das transformações turbulentas que o mundo tem vivido. Revoluções tecnológicas mescladas com fundamentalismo religioso embalam nossas fantasias mais belas, mas também obscuras. Vivemos no limiar de uma era de descobertas desconcertantes e com elas somos varridos, a cada instante, por inusitadas mudanças. Não faz mais sentido, por exemplo, a ironia de Montaigne condenando as palavras vãs. Os *Ensaíos* (1991) de Montaigne estão divididos em dois livros e cada livro, por sua vez, em capítulos. O capítulo II, do primeiro livro, está intitulado *Vãs são as palavras*. Começa citando um ‘retórico do passado’ que definia sua profissão como a arte de “fazer com que as coisas pequenas parecessem grandes e como tal se aceitassem”. Mas a

<sup>4</sup> <http://www.miguelcordeiroarquivos.blogspot.com.br> - Agosto de 2006.



retórica não pode ser condenada pela capacidade de dizer, por exemplo, com gravidade e atitude professoral as maravilhas sobre as ciências da gastronomia.

Em nossos dias, não existem coisas pequenas. Tudo é digno da mais alta atenção e respeitosa curiosidade. A gastronomia já é aceita como uma arte, no sentido mais elevado dessa palavra. Prova disso é o convite feito ao *chef de cuisine* Ferran Adriá, pela Documenta de Kassel, uma das mais importantes mostras de arte da Alemanha. Rendemos à culinária honras de uma arte que pode ser comparada às obras da Pintura ou da Música. Adriá, recentemente, foi agraciado com o título de doutor *honoris causa* pela Universidad Autónoma de Barcelona. Curiosamente, a iniciativa da honraria partiu da Faculdade de Química e não dos Institutos de Arte. Fazer com que coisas pequenas pareçam grandes é a arte maior da Bahia. A cozinha baiana continua sendo nosso melhor produto cultural. Em torno dessa cozinha aprendemos que a linguagem permite ao homem construir mundos e projetar sonhos. São séculos de aprendizado em torno do fogo que prepara o pão e as iguarias da alma.

O fogo sagrado que prepara o pão é o poema, essa voz “sagrada ou maldita”, que na sabedoria de Octavio Paz (2003: 13) é a “prueba hermosa de la superflua grandeza de toda obra humana”. A consciência dessa “superflua grandeza” é o sabor que provamos a cada dia em nossas vidas de sonhos, fantasias e ilusões. Para abrigar e proteger fantasias e ilusões inventamos uma terra sagrada, terra de todos os santos, e de todos os deuses.



## **Bibliografia**

BLOOM, Allan (2001) [1987]: *A cultura inculta - ensaio sobre o declínio da cultura geral*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

MONTAIGNE (1991) [1580]: *Ensaaios*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural.

PAZ, Octavio. (2003) [1956]: *El Arco y La Lira*. México: Fondo de Cultura Económica.

RISÉRIO, Antonio (2004): *Uma História da Cidade da Bahia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Versal.

WINKIN, Yves (1998) [1984]: *A Nova Comunicação - da teoria ao trabalho de campo*. Organização e apresentação Etienne Samain; Trad. Roberto Ferreira Leal. Campinas: Papirus.